

Ensino Remoto na Área de Artes Visuais no Contexto de uma Universidade Pública

Alberto Ricardo Pessoa 

(Universidade Federal da Paraíba — UFPB, João Pessoa/PB, Brasil)

RESUMO — Ensino Remoto na Área de Artes Visuais no Contexto de uma Universidade Pública — O artigo se apresenta como um registro auto narrativo que aborda o período de trabalho docente compreendido entre março e dezembro de 2020, do qual exercemos a atividade docente na Universidade Federal da Paraíba em ambiente remoto devido ao isolamento decorrente da Covid-19 e sua respectiva condição pandêmica. A experiência de ação utilizada para a análise foi o design pedagógico de experiências de aprendizagem, com ênfase no contexto remoto online e no intuito de reforçar a interação afetiva e motivacional. A justificativa de um artigo dessa natureza se dá pela necessidade da comunidade acadêmica em estabelecer amplos diálogos e possibilidades de aprendizados a partir da leitura de experiências de docentes e discentes, em diferentes instituições, espaços sociais e espectros econômicos, uma vez que, trata-se de um momento ímpar na educação brasileira na qual alunos, professores, técnicos e sociedade estão aprendendo a conviver e se adaptando ao que o senso comum denomina como novo normal.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino Remoto. Educação. Artes Visuais. Pandemia.

ABSTRACT — Remote Teaching in the Field of Visual Arts in the Context of a Public University — The article presents itself as a self-narrative record that addresses the period of teaching work between March and December 2020, from which we exercise the teaching activity at the Federal University of Paraíba in a remote environment due to the isolation resulting from Covid-19 and its respective pandemic condition. The action experience used for the analysis of the report was the pedagogical design of learning experiences, with an emphasis on the remote online context and in order to reinforce the affective and motivational interaction. The justification for an article of this nature is given by the need of the academic community to establish broad dialogues and possibilities for learning from reading reports of experiences of teachers and students, in different institutions, social spaces and economic spectra, since, it deals with a unique moment in Brazilian education in which students, teachers, technicians and society are learning to live together and adapting to what common sense calls the new normal.

KEYWORDS

Remote Education. Education. Visual Arts. Pandemic.

RESUMEN — La Enseñanza a Distancia en el Campo de las Artes Visuales en el Contexto de una Universidad Pública — El artículo se presenta como un registro autonarrativo que aborda el período de labor docente entre marzo y diciembre de 2020, a partir del cual ejercemos la actividad docente en la Universidad Federal de Paraíba en un entorno remoto debido al aislamiento resultante del Covi-19 y su respectiva condición pandémica. La experiencia de acción utilizada para el análisis del informe fue el diseño pedagógico de experiencias de aprendizaje, con énfasis en el contexto remoto online y con el fin de reforzar la interacción afectiva y motivacional. La justificación para un artículo de esta naturaleza viene dada por la necesidad de la comunidad académica de establecer amplos diálogos y posibilidades de aprendizaje a partir de la lectura de experiencias de docentes y estudiantes, en diferentes instituciones, espacios sociales y espectros económicos, ya que se trata de un momento único en la educación brasileña en el que estudiantes, profesores, técnicos y la sociedad están aprendiendo a convivir y adaptarse a lo que el sentido común llama la nueva normalidad.

PALABRAS-CLAVE

Enseñanza a Distancia. Educación. Artes Visuales. Pandemia.

Introdução

O objetivo deste artigo é refletir acerca da prática docente remota na área das artes visuais em uma universidade pública no contexto da pandemia causada pela Covid-19 a partir de uma experiência de ofício. Em meados de março de 2020, a Universidade Federal da Paraíba promoveu a paralisação das atividades presenciais em todos os âmbitos de ensino, pesquisa e extensão. Naquele momento não sabíamos como proceder ou como migrar para outra plataforma de ensino em um espaço de tempo tão curto.

No Brasil, tal declaração ocorreu por meio da Portaria nº 188, de 3 de fevereiro de 2020, na qual o governo anunciou a emergência no âmbito nacional, e que a situação demandava o emprego urgente de medidas de prevenção, controle e contenção de riscos, danos e agravos à saúde pública (BRASIL, 2020b). Uma das medidas adotadas foi o isolamento social ou a quarentena, forçando, paulatinamente, o país a paralisar ou reinventar as atividades em diferentes áreas, como a educacional, que teve a suspensão das aulas presenciais e a reinvenção do formato/regime escolar (CUNHA; SILVA; SILVA, 2020, p. 28).

Até então, as atividades de ensino, extensão, pesquisa e administração eram presenciais e o novo Corona Vírus, como era então conhecida a Covid-19, era um vírus oriundo da China que estava se espalhando pelo mundo em uma velocidade e volume até então desconhecido pela sociedade contemporânea. Não por acaso, essa percepção refletiu no âmbito acadêmico e em certa medida, houve da parte da comunidade acadêmica descrença acerca da chegada do vírus no país da forma que está instaurada atualmente.

A falta de planejamento ou de ações emergenciais acerca da pandemia por parte da universidade foi notório e o modelo de gestão universitária pública da qual tem o Estado como protagonista em relação a sociedade civil e a comunidade universitária não foram capazes de oferecer condições de biossegurança mínimas para a continuidade do fluxo educacional não só na Universidade Federal da Paraíba, mas no sistema público como um todo.

O ineditismo da situação apresentou um momento de alienação por parte de todos os atores envolvidos na instituição e antes de ser declarado quarentena a única medida tomada era o de adotar o álcool em gel 70%. As máscaras e afastamento das pessoas ainda não eram cogitadas, pelo contrário: era considerado um exagero e anacrônico ao modo de se relacionar do brasileiro. Por fim, a ideia de paralisar ou encerrar as aulas era algo refutado entre a comunidade acadêmica, uma vez que a maioria acreditava se tratar de uma pandemia que não ia durar muito tempo.

Em um cenário de poucas informações e muitas incertezas, o Programa de Pós-Graduação Associado em Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba e Universidade Federal de Pernambuco (PPGAV UFPB/UFPE), na modalidade Mestrado Acadêmico Presencial, se viu diante de um dilema, uma vez que o anúncio das paralisações coincidiu com a proposta de início do semestre letivo do Programa. Disciplinas com alunos matriculados, professores designados e um cronograma acadêmico a ser cumprido pelos docentes pesquisadores do Programa estavam ameaçados perante uma crise sanitária que afetou a universidade brasileira em seus mais diversos segmentos.

A questão da paralisação de atividades de ensino no âmbito da pós-graduação é diferente de outras esferas de formação universitária, uma vez que permite pouca flexibilidade em termos de dilatações de prazos. Além disso essa dilatação afeta a avaliação do Programa, podendo reduzir seu conceito ou até encerrar as atividades do mesmo. Assim, o problema estava estabelecido e precisávamos de alternativas diante dessa situação em que não tínhamos a extensão de sua duração.

Uma característica que acentua a problemática de como proceder é o fato de estarmos em um corpo docente composto de duas instituições, a Universidade Federal da Paraíba e a Universidade Federal de Pernambuco, uma vez que o Programa de Pós graduação é Associado entre as duas instituições e os alunos

realizam disciplinas e orientações em Recife e João Pessoa respectivamente, ou seja, viajam e estão suscetíveis a realidade frente à Covid-19 dos dois municípios.

O corpo docente ficou dividido acerca de como proceder. Alguns docentes consideraram pertinente seguir as diretivas das universidades que consistiam em parar com as atividades acadêmicas e administrativas enquanto outro grupo considerou alternativas ao ensino presencial que era descartado naquele momento.

Um consenso entre os Docentes era que o período de quarentena seria curto, o que demonstrava a falta de conhecimento acerca da pandemia que viria instalar no Brasil e a incapacidade do Brasil em estabelecer uma política pública sanitária moderna, responsável e eficiente contra a Covid-19

Nesta terça-feira, segundo boletim divulgado pelo Ministério da Saúde, o número de mortes confirmadas por Covid-19, a doença provocada pelo coronavírus, ultrapassou a marca dos 5 mil, chegando a 5.017. Na China, são 4.643. Durante a entrevista, uma jornalista disse ao presidente: "A gente ultrapassou o número de mortos da China por covid-19". O presidente, então, afirmou: "E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre", disse, em referência ao próprio sobrenome (GARCIA; GOMES; VIANA, 2020).

Mesmo sem a experiência de ensino remoto, optamos por ofertar algumas disciplinas neste sistema. Dentre os professores eu propus em caráter remoto a disciplina Artes & Interfaces Tecnológicas.

A premissa da oferta se deu pela preocupação acerca dos bolsistas do programa, que poderia ser bastante prejudicado com a paralisação das aulas, com a necessidade de pensarmos em alternativas para o que na época, se achava uma paralisação de no máximo dois meses e não o que se mostra até o momento e por fim, pela necessidade dos docentes em se preparem para a possibilidade do ensino remoto, uma vez que ninguém tinha experiência acerca dessa prática docente. Por outro lado, era compreensível o receio inicial de professores em ministrar uma disciplina sem um tempo hábil de compreensão ou adaptação ao ensino remoto, pois

Os professores apontam como maiores dificuldades a preparação para às aulas que demandam mais tempo devido a gravação e edição de vídeo, bem como a falta de um ambiente apropriado para a realização da aula. É notório que planejar e ministrar as aulas no formato remoto requer uma capacidade técnica que não houve tempo hábil para isso e os professores acabam tendo que aprender novas ferramentas de ensino, novos ambientes e novas tecnologias ao passo que precisam executar de forma rápida esse aprendizado para tentar enviar algo de qualidade para os alunos (FEITOSA; MOURA; RAMOS; LAVOR, 2020, p. 07).

É importante situar meu ofício até aquele momento. Em minha experiência profissional no ensino universitário, desde 2005 ministrava aulas em formato presencial. Não havia trabalhado em ambiente EAD, do qual há a questão das vídeo – aulas e pólos de aprendizado, do qual há um tutor que não é necessariamente um professor ou pesquisador da área.

Não há relação interpessoal com os professores que desenvolvem os conteúdos ou produtos. Eu nunca havia desenvolvido produtos para educação à distância e tão pouco trabalhado em ambiente remoto, o que, vale frisar, até aquele momento não era uma modalidade debatida ou conhecida por grande parte dos docentes que, como eu, desenvolve aulas a partir da premissa interpessoal de criação e consumo de produtos educacionais em tempo real, ou seja, dentro de um contexto de ensino e aprendizagem presenciais. Assim, faltou naquele primeiro momento a compreensão de que o ensino remoto emergencial

(...) difere da modalidade de Educação a Distância (EAD), pois a EAD conta com recursos e uma equipe multiprofissional preparada para ofertar os conteúdos e atividades pedagógicas, por meio de diferentes mídias em plataformas on-line. Em contrapartida, para esses autores, o intuito do ensino remoto não é estruturar um ecossistema educacional robusto, mas ofertar acesso temporário aos conteúdos curriculares que seriam desenvolvidos presencialmente. Assim, em decorrência da pandemia, o ensino remoto emergencial tornou-se a principal alternativa de instituições educacionais de todos os níveis de ensino, caracterizando-se como uma mudança temporária em circunstâncias de crise (RONDINI; PEDRO; DUARTE, 2020, p. 43).

Dentro deste contexto, optamos por utilizar a metodologia de *Design Based Research* (DBR), a qual aborda as questões de ensino e aprendizagem tanto do docente (tutor humano) quanto dos recursos assíncronos (tutor virtual) em que estávamos a ser inseridos. Assim, o foco da nossa atuação passou a ir além de

apresentar um conteúdo programático, mas o de propiciar ao aluno estratégias de bem estar emocional e envolvimento cognitivo em um ambiente remoto. Buscar nessa nova relação entre docente e discente, de presença online e ausência física, soluções baseadas em estratégias de proximidade.

O percurso deste artigo parte desta contextualização e disserta acerca da experiência ao longo deste ano atípico na história da educação universitária brasileira.

Primeira experiência

A primeira experiência consiste na disciplina Artes Visuais e Interfaces Tecnológicas, de caráter optativo para o Programa de Pós-Graduação Associado em Artes Visuais da UFPB/UFPE, oferecida exclusivamente em ambiente remoto. A mesma foi ministrada entre março e julho de 2020 e contou com a presença remota de um docente e cinco alunos, dos quais três alunos do Programa e dois matriculados na condição de alunos especiais.

Como podemos perceber, houve uma baixa adesão à oferta da disciplina, apesar de, em um primeiro momento, não relacionarmos ao ensino remoto, uma vez que houve, também, disciplinas de formato presencial com poucos alunos. Atualmente, sob a ótica mais afastada e analítica, creio que a baixa adesão se deu em parte pelo momento de apreensão e desconfiança do modelo de ensino apresentado e pela própria conjectura de acesso do brasileiro à internet, como podemos observar nos dados apresentados pela

(...) pesquisa realizada pelo CETIC (2019a), no Brasil 29% dos domicílios, aproximadamente 19,7 milhões de residências, não possuem internet. Desse montante de desconectados, 59% alegaram não a contratar porque consideram muito caro esse serviço, outros 25% porque não dispõem de internet em suas localidades. Destaca-se, ainda, que 41% dos entrevistados alegaram não possuir computador para tal e 49% que não sabiam usar a internet (CUNHA; SILVA; SILVA, 2020, p. 32).

O processo de criação das aulas para essa disciplina foi com base no meu manuscrito, ou seja, na minha experiência enquanto docente. A questão é que todo meu percurso acadêmico enquanto aluno e docente foi na esfera presencial. As

poucas experiências que tive no ambiente de ensino à distância foram como aluno em cursos breves em plataformas educacionais disponíveis no mercado. Algo muito distante do desafio que eu estava me deparando. Ao mesmo tempo, era uma forma de encarar a minha própria formação e buscar novos conhecimentos, uma vez que

(...) entender a formação como processo em que o docente constrói o seu caminhar, pelo seu fazer fazendo-se, se apresenta como um ato dinâmico de vivências subjetivas, percepções, opiniões e singularidades criadoras coletivas. A palavra “formação” carrega consigo uma grande variedade de significados e sentidos. Reconhecida como necessária para o exercício de uma profissão, ela também faz parte da evolução da nossa história de vida. O que é vivido por aqueles que refletem sobre o que acontece de formativo em suas vidas constitui uma via de acesso à compreensão do conceito de formação (SANTOS; RIBEIRO; SANTOS, 2018, p. 41-42).

Assim, o primeiro equívoco que realizamos nessa experiência de ensino foi o de querer transpor o ensino de natureza presencial para o remoto. Realizamos aulas remotas de 4 horas com intervalo de 15 minutos após 2 horas de aula. O conteúdo fora o mesmo planejado para o presencial bem como as estratégias interpessoais de interlocução.

Desse modo, apresentamos um plano de aula de estrutura maçante, inadequado com as características do ensino remoto e somente com atividades síncronas, o que descaracteriza a estratégia de diálogo do ensino remoto com atividades síncronas e assíncronas. A falta de conhecimento por parte do docente resultou em um percurso educacional mais estressante e cansativo.

Outro erro foi o de desconsiderar o reforço da presença emocional no ambiente remoto por meio de microlideranças estudantis, tão comum no ensino presencial, mas que foi subestimado devido à sensação de isolamento que havia naquele momento, à falta de familiaridade com o sistema de ensino e à baixa interação que os alunos tinham, prejudicando assim o bem-estar do grupo e suas experiências educacionais.

Já o primeiro acerto foi o de realizar um contrato pedagógico com os alunos na base da contextualização social da qual estávamos vivendo. Assim como eu, todos estavam aprendendo a lidar com o ensino remoto e a empatia foi essencial para começarmos o percurso educacional.

É importante destacar a questão empática no processo de ensino, pois este foi um impacto inicial que, na persona de um docente, me deparei e levou um certo período para me acostumar.

(...) uma atenção permanente aos estados emocionais pode maximizar o envolvimento do estudante e a melhor forma de o fazer é integrá-la numa interação pedagógica que favoreça a vinculação entre vários atores do processo de aprendizagem, que tenha em conta as motivações e expectativas dos estudantes na natureza da atividade online, correspondente a uma atitude genuinamente afável e responsiva às necessidades de cada um (OLIVEIRA; MORGADO, 2020, p. 178).

Todas as aulas foram ministradas em vídeo conferência, mas, diferente de mim, enquanto docente que tinha o áudio e câmera ligados, os alunos tinham a câmera desligada, assim como o áudio. Inicialmente solicitei que deixassem as câmeras ligadas e o ponto de discrepância educacional sob viés social se apresentou: a maioria deixava desligada a câmera pelo fato do aparelho a ser vista a aula não suportar a conexão de internet com ela ligada.

Ao longo do processo de ensino e aprendizagem, algumas questões norteadoras foram pontuadas como o potencial de interação entre os sujeitos, a questão de atividades em grupo ou individual e a autoria em rede. A falta de experiência fez com que essas questões não fossem respondidas nesse primeiro momento, mas foram reverberadas na segunda experiência.

Até aquele momento o Estado não havia oferecido nenhum tipo de auxílio tecnológico, tanto para docentes quanto discentes e a questão da conexão se apresentou como um desafio para a disciplina.

Assim, compreendi que o percurso das aulas seria mais interessante e proveitoso se eu atuasse como um mediador de conteúdo do que um professor que

apresentasse uma aula expositiva e desse espaço para os alunos dirimirem suas respectivas dúvidas. Adotamos o sistema de aulas debatidas, ou seja, os tópicos da aula eram apresentados e debatidos por mim e todos os alunos tinham um espaço de fala. O número pequeno de alunos permitiu isso e foi possível investigar o processo de compreensão e aprendizagem de cada um por meio das correspondências ativas e passivas. Acredito que esse tenha sido o processo mais próximo de uma relação interpessoal possível em um ambiente remoto dentro da disciplina.

A maioria dos alunos conseguiram se desenvolver dentro da dinâmica da aula, mas 01 aluno teve seu espaço de fala prejudicado pela inconstância de sua internet, à ponto de após alguns meses desistir da disciplina. Esse aspecto fez com que eu ponderasse estratégias complementares de ensino que fosse oriunda do meu processo de criação, mas que pudessem ressoar no ensino remoto de forma a facilitar o aprendizado dos alunos.

Outro elemento do qual era novo dentro do processo de ensino e aprendizagem era o contexto de ansiedade e medo que era expresso nas interlocuções com os alunos. Relatos de amigos, parentes, colegas infectados pela Covid-19 passaram a ganhar um espaço de fala no decorrer da aula. Experiências pessoais de isolamento e de incerteza alternavam com conteúdos e dinâmicas de sala.

(...) O que é o medo? É um sentimento complexo, no qual se distinguem claramente dois componentes. Sinal de alarme e ansiedade. O sinal de alarme é detonado por um evento inesperado e impeditivo no meio ambiente e a resposta instintiva do animal é enfrentar ou fugir. Por outro lado, a ansiedade é uma sensação difusa de medo e pressupõe uma habilidade de antecipação. (TUAN, 2005, p. 10)

Foram propostas atividades que fossem passíveis de interação em tempo real por meio da internet. Uma atividade que gerou um bom debate, ensaios reflexivos e descobertas educacionais foi a visita virtual em alguns dos principais museus de arte contemporânea do mundo. Podemos observar acervos, materiais de apoio, simulações de ambientes em realidade aumentada dentre outros elementos. Na disciplina havia mais de 50% de alunos que nunca foram em um

museu e devido a essa atividade eles tiveram ao menos uma introdução à alguns museus, uma vez que é impossível comparar com a experiência presencial.

Essa atividade em específico foi um ponto relevante na disciplina pois o ambiente remoto no qual estávamos inseridos, isto é, uma vídeo-conferência na qual os alunos estão com câmeras e microfones desligados, conexão instável e uma fala por parte do docente em muitos momentos como se fosse um monólogo estava se configurando como uma paisagem do medo.

As telas sem rostos e voz da tela conferência estavam nos lembrando da vulnerabilidade humana e desse estado de melancolia e nostalgia de um tempo que não existe mais. Coube aquele grupo de pessoas buscar se organizar e criar um ambiente mais ou menos estável, de empatia e de aprendizado, um espaço de interação entre docente e discente do qual o primeiro é o mediador do processo.

Outro ponto importante foi o de aproximar a disciplina de plataformas conhecidas pelos discentes e propor debates a partir de documentários de artistas que lidavam com arte e tecnologia.

Por fim, a generosidade de artistas e professores em ministrar palestras. Foram ao todo quatro palestrantes, dois da Universidade Federal da Paraíba, um docente da Universidade Federal de Goiás e um artista brasileiro radicado em Portugal. O formato das palestras se aproximou do que hoje entendemos como *lives*, que

(...) tem proporcionado o engajamento social dos sujeitos envolvidos no processo, sejam eles atores ou espectadores dessas produções. Esse engajamento vai desde a comunicação síncrona entre os participantes nos chats, até o compartilhamento e as curtidas que potencializam a visibilidade do conteúdo (ALMEIDA; ALVES, 2020, p.153).

A avaliação levou em consideração o desenvolvimento processual do aluno ao invés de ser uma tarefa como a produção de um artigo, por exemplo. A premissa dessa avaliação se deu pelo fato que todos, tanto docentes quanto discentes estavam em um processo constante de aprendizado acerca do ensino remoto e o

stress e condição atípica que o aluno se encontra, tal como acesso às aulas, espaço da qual o aluno está ser muitas vezes inadequado para a prática de estudo e a falta de insumos que a universidade oferece ao aluno, tais como bibliotecas, computadores e a orientação interpessoal de professores e alunos, optamos por uma avaliação do processo de construção de conhecimento, por meio dos debates, pequenos ensaios reflexivos, presença e participação em sala de aula remota.

O que buscamos evitar nesse semestre remoto foi o excesso de trabalhos ou tarefas, uma vez que, segundo Renato Alves (2014), a contemporaneidade trouxe a capacidade de pensar e de tentar gerenciar várias tarefas ao mesmo tempo, o que estimula a área de pensamentos impulsivos, ou seja os alunos não precisam de mais um ponto de stress em suas respectivas rotinas diárias.

Apesar do feedback positivo dos alunos ao encerramento da aula, compreendi que ao propor a disciplina sem compreensão prévia do que era o ensino remoto eu estava optando entre não oferecer nada ou oferecer qualquer educação. A questão que fica é como oferecer uma educação de qualidade equivalente à experiência presencial.

Segunda experiência

Ao final da disciplina Artes Visuais e Interfaces Tecnológicas comecei a projetar as aulas para a graduação, uma vez que a comunidade universitária já estava se preparando, diferente de como havia feito, uma disciplina precoce e isolada. Dessa vez houve um contexto de planejamento da universidade como um todo para retomar as aulas em caráter remoto e uma consciência da comunidade acadêmica acerca da pandemia e seus efeitos, perdas econômicas e emocionais.

Uma ação importante dentro da universidade foram as discussões, em departamentos acerca da profissão enquanto agente inserido em uma cibercultura. Concordamos com a afirmação de que

(...) o papel do professor, na sociedade digital, é marcado por grandes responsabilidades sociais e dele são requeridas determinadas funções

que lhes convocam a agir de modo consciente e crítico. Os professores precisam, permanentemente, intensificar o pensamento interativo, complexo e transversal, que lhe instigue a criar dinâmicas de aprendizagem, sempre em plena construção. Esse processo exige reconfiguração dos cursos de formação de professores e demanda um novo olhar acerca da própria formação e sobre o processo de ensino e aprendizagem (OLIVEIRA; SILVA; SILVA, 2020, p. 32).

Algumas diretrizes foram traçadas como por exemplo a descrição de todas as atividades propostas para os alunos em cada disciplina, com a presença de atividades síncronas e assíncronas. Outra mudança foi na carga horária. Disciplinas de 4 horas semanais passaram a ser de 6 horas semanais, mas com as horas distribuídas da seguinte forma: 2 horas síncronas, 2 horas assíncronas e 2 horas reservadas para eventuais dúvidas dos alunos ou atividades de interação como fóruns, questionários, debates entre outras atividades.

As turmas foram criadas com um número reduzido em relação ao número de alunos de uma turma presencial. Por fim as semanas também foram reduzidas. Em um primeiro momento realizamos disciplinas com dez semanas e em um segundo momento 14 semanas. No ensino presencial são 17 semanas.

Neste ínterim ministrei as seguintes disciplinas: Para o curso de Artes Visuais foi Tópicos Especiais em Artes Visuais e para o curso de Comunicação em Mídias Digitais foi Imagens Digitais II e III. Todas essas disciplinas eram de caráter teórico prático, ou seja, há o desenvolvimento de desenhos, ilustrações e animações.

Uma das ações para esses dois semestres denominados como semestres suplementares foram a criação de vídeos-aulas a serem publicados em plataforma de vídeo pública a ser acessado por aluno ou quaisquer pessoas que tenha acesso à plataforma.

O conteúdo dos vídeos versa em criação de temas pertinentes ao universo das artes como criação de desenhos, ilustrações, teoria de cores, fundamentos de perspectiva, anatomia entre outros temas. Esses produtos foram publicados semanalmente e serviram de base para atividades assíncronas. Nas atividades

Síncronas realizamos trabalhos com base nos fundamentos apresentados nos vídeos, mas com o diferencial de temas e interação entre professor e alunos.

Os vídeos foram uma estratégia complementar de ensino principalmente para aquele que possui dificuldade de acesso em tempo real e pode se organizar de maneira mais satisfatória com o conteúdo das vídeoaulas. Importante frisar que os vídeos realizados tinham como metodologia a explicação e aplicação prática do estudo de caso em um tempo entre 20 a 30 minutos. Este estudo de caso era aprofundado em aula de 2 horas.

Uma preocupação constante foi o de reduzir o stress causado pela discrepância digital que os alunos possuem. Há alunos que possuem computadores, notebooks, smartphones e internet de banda larga enquanto há outros que possuem um celular com dados móveis a ser dividido pela família. Um ensino de equidade nessas circunstâncias é impossível.

Assim, como as disciplinas versam no contexto de criação de desenhos, foi flexibilizado o uso de softwares, aplicativos e, inclusive, técnicas manuais como desenhos à lápis, pintura ou fotografia. O intuito era apresentar estudos de casos e o aluno poderia resolver utilizando a tecnologia viável para ele.

Outro ponto importante foi a manutenção de alguns elementos que tiveram boa receptividade na primeira experiência remota, como as palestras. Foram realizadas ao longo dos dois semestres remotos quatro palestras com temática na área da ilustração, artes visuais e animação.

Importante frisar que as palestras foram abertas ao público geral, assim muitos artistas convidaram pessoas para assistir e com isso foi possível atender a comunidade periférica à universidade. Os vídeos também foram disponibilizados para acesso público pelo mesmo motivo. Os vídeos começaram a ser postados em junho de 2020 e até o momento há 50 vídeos postados e com amplo acesso.

Assim como na disciplina da pós graduação o maior desafio foi o da interação e da relação de criação e consumo do produto pedagógico em tempo real por professor e alunos. A questão é que o ensino remoto pode se aproximar, mas não consegue imprimir o mesmo engajamento educacional que o ensino presencial propicia. Não só a interatividade entre professor e aluno, mas entre discentes.

O crescimento pessoal do aluno perante um grupo, tomada de decisões, desenvolvimento da empatia e da recreação sem o uso da tecnologia e até mesmo atitudes simples do cotidiano como um abraço são coisas que o ensino remoto não tem como propiciar.

Assim algumas ações de interação complementares foram tomadas e não cabe aqui alegar que foram ações corretas, mas de um processo em construção de um docente em migração para o ensino remoto. Realizamos aulas extras para alunos com dificuldades em manter a presença remota em tempo real ou que apresentasse dificuldades no aprendizado do tópico de aula. Foram realizadas aulas extras individuais ou em grupos pequenos em sistema de vídeo conferência. Outro ponto importante foi o feedback dos trabalhos entregues, com um texto motivador na devolutiva e as correções como sugestões e não imposições.

O intuito foi de estimular a reflexão do aluno acerca do seu próprio processo de criação por meio de correspondências ativas e da consciência de construção de um manuscrito que versa acerca do seu percurso criativo. Outro ponto foi a interação com alunos em redes sociais. Alguns alunos que postavam suas artes e trabalhos eu procurei repostar e promover em minha própria rede social. Inicialmente como uma ação despretensiosa, percebi que alunos se sentiram motivados a postar mais trabalhos.

O mais importante disso é que alguns desses alunos não eram artistas ou desenhistas de ofício e passaram a criar perfis para postar conteúdo com ênfase nos trabalhos realizados em aula. Isso foi muito gratificante e permitiu novas percepções pedagógicas que até então não havia notado.

Apontamentos

Após ministrar quatro disciplinas em ambiente remoto para a comunidade universitária em nível mestrado e graduação, apresento algumas provocações no intuito de dialogar com docentes e discentes que assim como eu aprenderam a lidar com esse momento pandêmico.

A percepção da revalorização do docente em ambiente presencial entre a sociedade é sentida em comentários e conversas do cotidiano. Se antes da pandemia havia um senso comum do aprendizado auto didata e da obsolescência do professor devido aos recursos digitais, foi comprovado que estes mesmos recursos são incapazes de promover organização, mediação e interlocução entre professor e aluno, assim como o próprio ambiente da universidade enquanto espaço é fundamental para o desenvolvimento do aluno enquanto ator social.

A discussão em torno de um ensino híbrido em universidades públicas sofreu uma aceleração necessária devido aos efeitos da pandemia e isso pode trazer à tona novas políticas públicas que visa diminuir a discrepância digital entre alunos do espaço universitário, bem como a atualização tecnológica de docentes e universidade como um todo.

Por fim, o lugar do professor dentro do contexto do novo normal se amplifica e requer uma reflexão acerca da responsabilidade social e educacional do que é ser docente. É preciso buscar a empatia e interlocução em meio a um novo momento social pós pandemia.

Considerações finais

O intuito deste artigo foi o de apresentar um registro de uma experiência com proposição positiva de uma trabalho pedagógico ambientado entre março e novembro de 2020, momento que abrange o fechamento das universidades federais públicas e o início dos semestres remotos.

Acredito que muitos docentes cometeram diversos equívocos devido a abrupta migração de um sistema de ensino presencial para o ensino remoto e até o momento muitos e me incluo nesta lista de docentes, ainda confunde estratégias de ensino remoto com presencial e educação à distância.

É importante salientar que uma experiência carece do escopo teórico que uma pesquisa demanda, mas o momento social e histórico no qual somos protagonistas requer textos sobre o presente, até para servir de escopo para pesquisadores que irão estudar acerca desse período distópico que somos obrigados a conviver.

Outro ponto a ser destacado é que este registro possui uma paisagem do medo que ressoa nas relações interpessoais e não há como ser ignorado no escopo deste texto. Nesse interim alunos perderam parentes e dentro do nosso corpo docente perdemos colegas de trabalho em decorrência da Covid. São situações que jamais imaginamos viver e que agrava sensivelmente um ambiente de trabalho que por si só já é difícil pela disparidade social e econômica do país e que foi agravada com a pandemia.

Considero que a equivalência do ensino remoto com o presencial é impossível pois é incompatível com a natureza da educação e contrária a socialização dos indivíduos, um dos principais pilares da educação. O ensino remoto resolve parcialmente o problema para uma pequena parcela da população. O docente, à médio prazo irá trabalhar com alunos que não estudaram no período remoto, os que estudaram com dificuldade e aqueles que assimilaram bem o ensino remoto.

O ensino remoto foi realizado na universidade pública dentro de um contexto pandêmico, de isolamento, de medo do desconhecido, de dúvidas e usos políticos, que trouxe desafios para a educação e que escancarou as desigualdades sociais na educação brasileira. Comunidades indígenas, quilombolas, sertanejos entre outros povos com acesso precário à internet e às tecnologias digitais, enquanto

outros com todas as condições de ensino remoto e tendo o docente como mediador deste processo. Ficou evidente o quanto o Estado é falho ao oferecer, de forma histórica, políticas de igualdade social e tecnológica. A educação escolar presencial é o meio mais adequado para apropriação dos trabalhadores nas conquistas históricas da humanidade, articulando com a sociedade e como mediador da prática social.

O professor é antes de tudo um excelente aprendiz, e inserido no contexto das novas tecnologias pode apresentar soluções cada vez mais criativas no ensino remoto e natural migração para o ensino híbrido. Cabe ao docente, ainda, ter a humildade de saber ouvir os alunos, estes, diferente do docente, nativos digitais e buscar focar nas competências que precisam ser aprendidas. Nesse contexto, o ensino universitário possui traquejo com ensino híbrido. Uma proposição é de com o fim da pandemia buscarmos ter mais experiências educacionais em ambiente remoto e ir para sala de aula somente quando realmente necessário.

Por fim, docentes, discentes e comunidade precisam ter consciência de que houve defasagem na educação e da necessidade de ações de aprendizado. A educação pressupõe a presença do educador e do educando, uma vez que a produção e consumo ocorrem ao mesmo tempo.

Referências

ALMEIDA, Beatriz Oliveira de; ALVES, Lynn Rosalina Gama. Lives, educação e covid-19: estratégias de interação na pandemia. *Educação, [S. l.]*, v. 10, n. 1, p. 149–163, 2020. DOI: 10.17564/2316-3828.2020v10n1p149-163. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/8926>. Acesso em: 26 ago. 2020.

ALVES, Renato. *O cérebro como foco e disciplina*. São Paulo. Editora Gente, 2014

CUNHA, Leonardo Ferreira Farias da; SILVA, Alcineia de Souza; SILVA, Aurênio Pereira da. O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação. *Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal, Brasília*, v. 7, n. 3, p. 27-37, ago. 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/omcenso/article/view/924>. Acesso em: 03 set. 2020.

FEITOSA, Murilo Carvalho; MOURA, Patrícia de Souza; RAMOS, Maria do Socorro Ferreira; LAVOR, Otávio Paulino. Ensino Remoto: o que pensam os alunos e professores? Artigo

apresentado no V Congresso sobre Tecnologias na Educação (CTRL + E 2020), João Pessoa, Paraíba, 2020.

GARCIA, Gustavo; GOMES, Pedro Henrique; VIANA, Hamanda. 'E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?', diz Bolsonaro sobre mortes por coronavírus; 'Sou Messias, mas não faço milagre'. Notícia publicada no site G1 em 28/04/2020 no endereço: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml>. Brasília. Acesso em 08 maio 2020

OLIVEIRA, Sidmar da Silva; SILVA, Obdália Santana Ferraz; SILVA, Marcos José de Oliveira da. Educar na incerteza e na urgência: implicações do ensino remoto ao fazer docente e a reinvenção da sala de aula. *Interfaces Científicas*, Aracaju, v.10, n.1, p. 25-40, Número Temático – 2020.

OLIVEIRA, Teresa; MORGADO, Lina. Impacto da dinâmica emocional na aprendizagem em cursos a distância no ensino superior: o papel da presença emocional e das microlideranças. *Revista Portuguesa de Educação*, Minho, Portugal, v. 33, n. 2, p. 177-199, 2020. DOI: 10.21814/rpe.14331. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/14331>. Acesso em: 27 ago. 2020.

RONDINI, Carina Alexandra; PEDRO, Ketilin Mayra; DUARTE, Cláudia dos Santos. Pandemia do COVID-19 e o ensino remoto emergencial: mudanças na práxis docente. *Interfaces Científicas*, Aracaju, v. 10, n. 1, p. 41- 57, Número Temático – 2020. DOI: 10.17564/2316-3828.2020v10n1p41-57. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9085>. Acesso em: 26 set. 2020.

SANTOS, Edméa Oliveira dos; RIBEIRO, Mayra Rodrigues Fernandes; SANTOS, Rosemary dos. A educação on-line como dispositivo de pesquisa-formação na cibercultura. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 18, n. 56, p. 36-60, jan./mar. 2018. <https://doi.org/10.7213/1981-416x.18.056.ds02>.

TUAN, Yi-Fu. *Paisagens do Medo*. São Paulo, Editora UNESP, 2005.

Alberto Ricardo Pessoa

Professor Associado do Departamento de Mídias Digitais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), docente permanente do Programa de Pós-graduação Associado em Artes Visuais da UFPB/UFPE e Coordenador do Narrativas em Cordel: Uma proposta complementar na formação cidadã de crianças em comunidades periféricas - Projeto de extensão e iniciação científica. Pós-doutor em História pela UFRN (2021) Sociologia pela UFPB (2014). Doutor em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2010) e Mestre em Artes Visuais pela UNESP (2006). Sou autor das Histórias em Quadrinhos Medo, Primas, Amargo Despertar e Stones e dos livros A linguagem dos Quadrinhos e O Justiceiro de Garth Ennis e o mundo como graphic novel. Sou pesquisador de Processos Criativos em Artes Visuais, com ênfase nos estudos da Crítica Genética.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0231-3778>

E-mail: albertoricardopessoa@gmail.com

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/6167799335143402>

Recebido em 18 de dezembro de 2020

Aceito em 29 de junho de 2021

